A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Alegrias e tristezas. Synthetisa-se n'isto a chronica de todos os dias.

Quando as primeiras se expandem, como a vegetação dos tropicos, luxuriantes e enthusiasticas, veem logo as segundas, n'um cortejo sinistro, ensombrar jubilos e festas.

Alegrias doidas na despedida da Devriés. Tristezas profundas entre a população do Porto.

Em S. Carlos a consagração d'um talento prodigioso: apotheoses e flores; musica e enthusiasmo; luz electrica e luz do genio; um Niagara de bravos ruidosos; uma chuva de camelias vermelhas e brancas; jardins no palco, jardins na sala, *bouquets* e ramilhetes por toda a parte, aos pés da *diva* que partiu, sobre a cabeça esbrazeada dos *dilettanti* que ficaram.

No Porto o bloqueio, o estado de sitio, a resistencia á lei, a politica fazendo victimas, a força publica fazendo fogo. Uma verdadeira batalha campal, com movimentos de tropas, apparato bellico, trincheiras improvisadas e evoluções da ordenança.

Porque tudo isto? Porque na tabella dos impostos municipaes se introduziram alterações novas, um tanto *salgadas*. O povo, esse inimigo eterno e irreconciliavel dos impostos, protestou contra as *boas festas* que a camara lhe enviára, sob a forma d'uma intimação para *pagar mais*, e explosiu descontentamentos, e não esteve pelos autos.

Do protesto energico passou-se á desordem nas ruas, e houve victimas, victimas talvez innocentes, que ja hoje dormem o somno eterno, á sombra dos cyprestes, no cemiterio do Repouso.

A'manhã as gazetas estrangeiras, dando conta do successo, noticiarão que em Portugal correu o sangue da guerra civil; e nós, que áparte estas rarissimas luctas intestinas, quasi sempre exploradas senão instigadas pela politica, somos um povo ordeiro e pacifico, teremos talvez de passar aos olhos da Europa como a mais chinfrineira e barulhenta das nações.

O MONTE DA ARRABIDA E O DOURO

Em todo o caso, mau é que haja a deplorar mortes violentas, resistencias á auctoridade, contendas entre o elemento popular

e a força armada, tanto mais, quanto é certo que tudo isto destoa um pouco das nobilissimas tradições do Porto, a cidade grandiosa e heroica por excellencia, berço e baluarte das nossas liberdades, patria de todas as dedicações mais vehementes pelo paiz, exemplo de honradez e de virtudes inapreciaveis, campo glorioso onde se feriram batalhas gigantes, de bem mais alta significação e valor que os motins dos ultimos dias ..

Mas fallemos de Fidés Devriés, a heroina da ultima festa.

E' certo que tambem fez revoluções, mas fel-as com o olhar e com a voz. Ninguem se exhimiu a pagar-lhe o imposto de mil bravos vibrantes. Os revoltados foram os que não poderam ir ouvil-a, na noite da despedida, a S. Carlos. Se mais impostos de flores, d'applausos e de meias libras *ella* exigisse aos contribuintes dos *fauteuils*, mais estes lhe pagariam, á bocca do cofre, sem protestos nem duvidas, ao invez do que succedeu no Porto entre o povo e a camara.

Iamos jurar que não haveria nem um só relaxe, por falta de pagamento de quota no devido praso.

Devriés deve ter-nos deixado com saudade. Em França, habituados como estão a ouvil-a, consagram-lhe já o applauso banal e frio que se dispensa a conhecidos antigos. Em Hespanha chegou a dizer-se que *ella* não tinha voz, nem sentimento artistico, nem delicadeza, nem alma. Na Italia detestam-n'a, ou pouco menos, pela simples rasão de que é franceza. Em Portugal, onde ha por certo, mais consciencia, e onde se sabe fazer justiça a quem a merece, o talento da sublime *virtuose* evidenciou-se em toda a sua pujança maravilhosa, encontrou quem o soubesse apreciar em toda a sua incomparavel magnitude.

D'ahi a apotheose colossal da noite do seu beneficio, esse verdadeiro assombro de flores desfolhadas sobre o busto gentil da loira Margarida, a ovação calorosa e palpitante d'uma platéa boquiaberta, o fogo sagrado do enthusiasmo a crepitar ante o fogo ainda mais sagrado do talento.

O que foi aquella noite disseram-o já muitos dos nossos collegas.

Parecia tudo doido em S. Carlos. Valdez radiante, custando-lhe a conter o vasto abdomen nos ambitos da casaca. Dalmau febril e irrequieto. Os timbaies explosindo gargalhadas. O cornetim vibrando com estranha intensidade. As bailarinas saltitando com desusada elegancia e garridice. Algumas d'ellas até nos pareceram mais bonitas. A propria corista gorda teve, de longe em longe, faiscações de diabolica formosura.. Simples reflexos, talvez, da luz electrica que illuminava a tentadora Ophelia... Pura illusão do nosso espirito... Estavamos tambem doidos como o publico, quem sabe! Embriagados, como Fernando Caldeira, pela voz de crystal da Devriés... estonteados pelo aroma das flores...

Porque Fernando Caldeira, o delicadissimo poeta, deixou-se arrastar pela embriaguez—sublime embriaguez a sua!—até á perpetração d'uns formosos versos, allusivos aos tres personagens que Devriés interpretou em Lisboa.

Se os não ouviste ainda, querida leitora, eu t'os recito d'aqui a meia voz, quasi em segredo:

MARGHERITA

Se no puro cristal, que te deslumbra tanto,
Quando ao *mirarti in esso*, ó loira Margarida,
Tens a visão do Goethe a palpitar de vida,
Um reflexo de som tambem houvesse emquanto
Suspendes no aureo fio as joias do teu canto,
Comprehendias, estrella, apenas manhecida,
Tornada meteóro em rapida fugida,
Quanta saudade eguala, ó Dea, o nosso espanto.

GILDA

Quando tu vires erguido
O punhal, ó Gilda, canta...
Ha tanta belleza, tanta
No teu canto dolorido,
Que a teus pés verás cahido,
Ante a força que o encanta,
Sobre o punhal o bandido.

OPHELIA

Canta Ophelia desditosa,
Não procures tanta rosa,
Tanta!
Para morrer entre as côres
E os perfumes de mil flôres,
Canta!

Canta e volta, fascinadora Gilda de cabellos côr de ouro, digo eu tambem, mas volta, se a Sembrich não conseguir eclypsar nos teus admiradores de hontem o profundo enthusiasmo que lhes provocaste.

=A ordem do dia, d'envolta com os assumptos lyricos de S. Carlos e com os acontecimentos tragicos do Porto, tem sido, durante a semana inteira, os soccorros para as victimas dos terremotos da Andaluzia.

Quaesquer resentimentos contra a Hespanha, se ainda os havia entre o nosso povo, desappareceram por completo ante aquella desgraça aterradora e enorme, que sepultou milhares de infelizes entre as ruinas de Granada e Malaga, que faz da bella provincia hespanhola um vasto cemiterio.

O nosso povo honrado, bom e generoso, quer mais uma vez testemunhar que a caridade não é para elle uma palavra vã. A imprensa de Lisboa, em geral pobre, mas caritativa e digna, iniciou o movimento de generosidade a favor das victimas andaluzas; pede esmola para ellas; dá-as mesmo do seu bolso, promove recitas e saraus; faz *quêtes* nos theatros e circos; subscripções e festas por toda a parte, e não ha ninguem que deixe de secundar-lhe as generosas tentativas, grandes e pequenos, pobres e abastados, humildes e felizes.

A sympathia pelo infortunio produz d'estes resultados gigantes, e se ha infortunios sympathicos, os que na actualidade enlutam a Hespanha não o podem ser mais.

As convulsões do solo destruiram-lhe cidades, villas e aldêas, lançaram por terra edificios historicos, monumentos que eram verdadeiras maravilhas d'arte. Na medonha voragem vimos sumir-se a cathedral de Granada, com as suas cinco magestosas naves, a sua abobada colossal sustentada por vinte columnas corynthias, os seus mausoleos sumptuosissimos de Joanna a Doida e de Filippe I, as suas telas de Bocanegra e Juan de Sevilla, as suas ricas esculpturas de Pietro Torrigiani.

Tudo isso cahiu por terra como um fragil castello de cartas. Tudo isso desabou n'um instante, como desaba qualquer simples cabana de colmo abalada pelo tufão demolidor.

Mas não foi o desmoronar rapido das cathedraes e dos monumentos gothicos que fez a desventura dos nossos visinhos: foi a perda de muitas mil vidas, bem mais preciosas que todas as maravilhas artisticas d'aquelles colossos de pedra. Os templos caem por terra e a mão do operario torna a erguel os mais ou menos gigantes. As vidas extinguem-se para sempre, e atraz do seu desapparecimento eterno vem um cortejo de viuvas sem amparo, de creancinhas sem pão, de familias sem chefe.

E' para enxugar as lagrimas d'umas e d'outras que a nossa caridade se esta exercendo.

Honrosa e santa missão!

=Mais um luctador indefesso e valoroso da imprensa portugueza que a morte veio prostrar prematuramente:—Eduardo Tavares.

Polemista notavel entre os mais notaveis, o morto illustre symbolisa uma phase jornalistica devéras extraordinaria.

Commetteu erros? Talvez. Ninguem ha que os não pratique. Tinha talentos? De certo. Ninguem ha, tambem, que se atreva a negar-lh'os. Em politica nem sempre vimos que seguisse o mesmo ideal, mas a divisa da politica é a inconstancia, e o ser-se inconstante não quer dizer que se seja criminoso.

Descance em paz o valente jornalista, e se nunca lhe arremessámos censuras quando vivo, não será depois de morto que lhe iremos perturbar o somno eterno com recriminações e doestos.

Respeitando o luto das *Instituições*, a cuja redacção Eduardo Tavares presidia, reservamos para qualquer artigo subsequente uma reprimenda amigavel a *Gilberta*, a elegante chronista d'aquella folha, que se lembrou de nós para nos dar quinau, que foi lá fóra fazer referencias á nossa modesta individualidade, quando as podia fazer aqui, de portas a dentro, n'este mesmo logar que é tambem seu, n'estas mesmas paginas onde collabora ao nosso lado, sob os pseudonymos de Gabriel Claudio ou de Esmeralda.

Provaremos á scintillante Gilberta que todos n'este mundo podem errar uma vez, e que ella mesma não tem fugido á lei fatal, errando muitas vezes.

E isto *sans rancune*, entenda-se.

Inter amicos... Por hoje condemno Gilberta a que conclua o latim macarronico. E' a primeira penitencia, mas ha de ter mais.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

II

Os cinco annos que Garrett passou em Coimbra são o periodo de alvorada do seu talento poetico, mas de uma alvorada que não corresponde de modo algum ao dia brilhante que veio depois. O meio em que Garrett vivia não era accommodado á evolução natural do seu talento. Lamartine, na solidão da sua casa

de Milly e de Saint-Point, nas suas viagens de joven diplomata pela Italia, nas suas digressões alpinas ao lado de Elvira, ia escutando apenas o que o coração lhe dizia, deixando repercutir-se na sua alma solitaria o echo de todas as transformações que se operavam no mundo. Victor Hugo tambem, no isolamento da sua casa das Feuillantines sentia desabrochar no seu espirito, em que não actuavam influencias de escola, o seu genio independente. Garrett, porem, achava-se lançado no meio activo e turbulento da rapaziada de Coimbra, e obedecia involuntariamente ás influencias ali predominantes. Ora essas influencias eram ainda todas classicas: as escolas rivaes eram as dos filintistas e dos elmanistas. Não iam mais longe por então os ideaes poeticos da mocidade academica.

A isso se devem as innumeras poesias filintistas de Garrett que enchem uma grande parte das *Flores sem fructo* e da *Lyrica de João Minimo*, e que tanto se acham em contradicção com o prefacio romantico e *Walter scottiano* d'esta ultima collecção de versos. A figura do sachristão de Odivellas não está nada em harmonia com as tendencias classicas da maioria dos versos, que constituem o seu supposto peculio poetico. E' que os versos são muito mais antigos do que o prologo, e entre aquelles e este o espirito de Garrett passara por uma transformação completa.

Assim odes, sonetos, fabulas e poemetos anacreonticos foram os fructos que produziu o genio poetico de Garrett no seu periodo academico. A sua musa theatral e calçando o cothurno classico, desfazia-se em imitações mediocres dos modelos francezes e italianos. O proprio Garrett é o primeiro a rir se com infinita graça das *Lucrecias*, *Xerxes*, *Edipos*, *Sophonisbas* e *Meropes* que elle perpetrou n'esse periodo. A *Lucrecia*, por exemplo, tinha um bello verso, como a tragedia do 2.º acto do *Monde où l'on s'ennuie*. O verso era o seguinte:

Vivâmos livres, ou morrâmos homens

Era essa a nota predominante. A liberdade nascente vestia-se aqui, como em França, á grega e á romana, tanto assim que a musa moderna foi ao principio um poucochinho reaccionaria. Lamartine e Victor Hugo eram n'esses bons tempos realistas da gemma: Châteaubriand, o melancholico René do nascente romantismo, cingia com piedosos braços o altar das velhas tradições, e ajoelhava no tumulo dos reis absolutos. Os liberaes pelo contrario vestiam a chlamyde das musas classicas, chamavam-se *socios* uns aos outros, escreviam com letras grandes Despotismo, Liberdade, Tyrannia, Virtude, faziam declamar pelos rancosos herões do theatro de Corneille e de Racine os hendecasyllabos, ou os alexandrinos revolucionarios, e assim se manifestava, n'um momento dado, uma d'essas contradicções ephemeras que tantas vezes desnorteiam o homem que perscruta com um olhar philosophico as evoluções da historia. A revolução em litteratura associara-se com a reacção em politica, a revolução politica afferrava-se pelo contrario ás velhas formulas litterarias. Pouco a pouco as coisas iriam entrando nos seus eixos, e a critica não podia deixar de vir a perceber que Châteaubriand e Lamartine eram os productos litterarios do mesmo movimento de idéas que gerára a revolução franceza, como os encyclopedistas e o marquez de Pombal foram, apesar do seu apparente antagonismo, productos similares da grande evolução do espirito humano que produziu o seculo XVIII.

Com a mesma penna, com que escrevia as taes famosas tragedias e os sonetos que lhe davam popularidade e prestigio, redigia Garrett as proclamações revolucionarias que enthusiasmavam os estudantes. Foi elle que dirigiu o movimento academico, originado por ter sido recusado o direito de votar nas eleições aos estudantes de Coimbra.

Partindo para Lisboa, depois de completar o curso, Garrett levava na sua bagagem duas obras litterarias que iam firmar a sua reputação incipiente, e que, sendo por assim dizer a sua brilhante despedida do classicismo, annunciavam já o potente genio que tinha de iniciar em Portugal a grande revolução litteraria. Essas duas obras eram o *Retrato de Venus* e o *Catão*. O primeiro, como os poemas de Parini na Italia e como os idyllios de Gessner na Suissa, revelava debaixo das formas ainda classicas a frescura das novas idéas. O *Catão*, como as tragedias de Alfieri vestia tambem com os hendecasyllabos tradicionaes e com as roupagens da velha tragedia as vivas aspirações da liberdade nascente.

A representação do *Catão* em Lisboa n'um theatro particular foi um acontecimento memoravel. Garrett foi saudado então como o poeta da liberdade. O seu nome, quasi desconhecido na vespera, foi no dia seguinte acclamado como o do poeta cesareo da revolução franceza. Foi n'essa noite de gloria que elle viu tambem pela primeira vez a mulher formosissima, a que ligou a sua vida e que exerceu depois no seu destino tão funesta influencia, tornando-lhe intoleravel a vida de familia, e fazendo do seu lar domestico um objecto de escandalo e de descredito. D'ahi a pouco tempo Garrett casava com D. Luiza Midosi, era nomeado official da secretaria do reino em concurso, obtinha um triumpho como orador n'uma sessão do tribunal, em que foi defender o seu *Retrato de Venus*, accusado como attentatorio dos bons costumes, e outro na Sociedade Patriotica, onde pronunciava o elogio funebre de Manuel Fernandes Thomaz. Tudo lhe corria prospero n'essa occasião. Tudo eram para elle glorias e alegrias. Mas o verdadeiro Garrett, o Garrett que nós conhecemos, e que tamanha influencia exerceu no seu tempo, não nascera ainda. Era necessario que o seu genio se retemperasse no infortunio, para adquirir a rija tempera que lhe deu como ao aço das laminas de Toledo a força e o brilho.

Embalado pelos applausos, Garrett deixava-se ir na onda, e accommodava ao gosto do tempo o seu talento fadado para abrir caminhos novos. Fazia profissões de fé classicas, zombava de Shakespeare, criticava o romantismo, defendia com energia os deuses que depois enxotou do Olympo. A emigração tinha de ser para elle a sua estrada de Damasco.

E' curioso comparar essa profissão de fé publicada em 1822 com a que serve de introducção á *D. Branca*, impressa poucos annos depois:

Hoje é moda o romantico, é finura,
E' tom achar Ossian melhor que Homero,
Gabar Skakespeare, desdenhar Corneille.
De Paris os modernos elegantes.
Chamam vil servilismo ás regras d'arte,
Antiquario a Boileau, pedante a Horacio,
Só gostam de Irminsulf e de Theutates,
Obscuros sonhos do Escossez sombrio;
E as risonhas ficções da culta Grecia
Aureos numes d'Ascreu sediços dizem.
Venus e amores, graças e cupidos
Já muito vistos são, já muito lidos.

Veiu a emigração, veiu o infortunio, e o grande poeta, fugindo ao meio dissolvente em que vivia, ás frivolidades do *Lyceu das damas* e do *Toucador*, ás declamações dos clubs, e aos applausos politicos das platéas, sentiu abrirem-se-lhe na alma novas fontes de poesia, acudirem-lhe á memoria as poeticas reminiscencias da sua infancia, e, ao começar a *D. Branca*, lançava ao mundo litterario uma nova proclamação, em que se desdizia quasi pelos mesmos termos, em que fizera a primeira profissão de fé, e em que renegava exactamente dos mesmos deuses a cujo culto jurara conservar-se fiel. Feliz apostasia que era logo recompensada pela musa nova, porque os versos do contra-protesto eram bem mais sonoros e brilhantes de que os que acabamos de ler!

Aureos numes de Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel. . . . .
Gentil religião teu culto abjuro

Era nos mesmos termos que elle se declarava fiel a essa *gentil religião*, quando exactamente escarnecia dos que chamavam «sediços» aos *aureos numes de Ascreu*

E ás risonhas ficções da culta Grecia

N'uma coisa porém se conservou fiel a esta profissão de fé. Continuou a sustentar na *D. Branca* que não gostava de *Irminsulf*, nem de Theutates. O que lhes preferia porém agora não eram as nymphas da Grecia, nem os deuses do Olympo pagão: eram as fadas e as mouras encantadas das nossas fontes portuguezas, era a mythologia popular da nossa terra, toda doirada e radiante como as aguas em que se espelha o ceu azul e o sol claro e alegre dos nossos dias formosissimos. Percorrendo os campos verdejantes da Inglaterra, comprehendia emfim a grandeza de Shakespeare, e accusava-se a si proprio de ter escripto as quadras burlescas em que descrevera, parodiando-o, o entrecho do *Othello*.

Guiados pelo sr. Gomes de Amorim, acompanhemos Garrett á emigração, cujo caminho elle tomou logo que viu triumphante a reacção de Villafranca. O poeta do *Catão* sabia bem que o absolutismo nunca lhe perdoaria essa tragedia.

PINHEIRO CHAGAS.

VANITAS VANITATUM

Constellações do mundo, astros radiantes
D'ouro e de luz, sciencia, genio, gloria!
Afoga-vos a onda transitoria
Da vida breve em rapidos instantes.

De que valem collossos de gigantes,
Gravada em bronze perennal memoria,
Quando o tempo lhes abre aos pés a historia
Da morte e o negro abysmo triumphantes?

Um momento! pó, cinza, fumo, e nada,
Eis o transito do homem e a sonhada
Mystica luz de eternas claridades!

E é eterno o atomo de areia,
A gotta d'agua, a flor, e só a ideia
Do homem é vaidade das vaidades.

GUIMARÃES FONSECA.

NÃO PERDI AS PASSADAS! (Quadro de Kretschmer)

CONTANDO COMO MORREU O AVÔ

(Quadro de Sydney Holland)

DUAS FLORES (Quadro de H. Büchmann)

AS NOSSAS GRAVURAS

O MONTE DA ARRABIDA E O DOURO

Distinguem-se pela sua elevação e pelo arvoredo que lhe cresce em de redor.

E' ponto formosissimo. Domina o rio e offerece a quem o sobe um aspecto encantador e variado.

O ar que ali se respira, alem ser de refrigerantissimo, é embalsamado pelos perfumes das muitas flores, que se desentranham de todos os grãos de terra e de entre cada pedra.

Quem tiver atravessado o Douro não terá, de certo, deixado de o admirar e não terá tão pouco deixado de sentir em si o desejo de subir até ao seu ponto culminante.

São muito os pontos aprazíveis que formam a linha immensa que delimita o Douro, mas, entre elles, é seguramente um dos mais notaveis o monte da Arrabida.

Os que ainda o não viram de perto ajuizem d'elle pela gravura que publicamos, e comprehenderão que não ha exaggero no que acabamos de dizer.

NÃO PERDE AS PASSADAS!

Sirandou a manhã inteira por essas ruas, fazendo o seu pequeno commercio de fructas, mas o avultado producto da venda recompensou-a de todas as fadigas.

Ou fosse porque as laranjas eram da melhor qualidade, ou fosse porque os seus encantos de creança provocaram as boas graças dos freguezes, a gentil pequenina vendedeira fez uma bella colheita de cobres, e lá vae de volta para casa, contando, muito alegre, os lucros do dia.

Não perdeu as passadas! Nem todos poderão dizer o mesmo.

E' que ella tem duas cousas a seu favor: e ser creança e o ser bonita.

DUAS FLORES

Uma enleva-se na contemplação da outra: inveja-lhe o perfume, tem ciumes da sua alvura.

Verdade, verdade, não vemos rasão para aquellas invejas. Flor animada, a esbelta figura do quadro encanta-nos pela fragrancia que se evola dos seus castos sorrisos, pelo fulgor intenso que irradia dos seus olhos, pela innocencia que se reflecte no seu rosto angelico.

O lyrio é flor d'um dia: vem o tufão e cresta-o. Ella vive em todas as estações, risonha na primavera, encantadora no estio, bella no outono, viçosa no inverno.

CONTANDO COMO MORREU O AVÔ

E' esta uma scena d'uma epoca que já vae longe. Era no tempo em que as creanças se acostumavam, logo que sabiam fallar, a ouvir contar os altos feitos d'armas dos seus antepassados. O fiel escudeiro está mostrando ao herdeiro do nome o elmo que o avô trazia na batalha e o sitio em que foi ferido. Como testemunha presencial narra minuciosamente o facto. As pobres creanças ouvem com horror e curiosidade o caso, pois foi por essa occasião e em virtude d'esse ferimento que o avô morreu, coisa que já lhes tem contado mais de mil vezes. Mas o velhote narra a historia com o interesse de quem presenciou a scena na mocidade, e por consequencia, para elle, contar o feito é o mesmo que assistir de novo ao acontecimento.

DOIS POMBINHOS

Arrulham, beijam-se, amam-se. Estão na edade propria para esses arroubamentos: não querem deixal-a passar sem que a luz do amor a illumine.

E fazem muito bem. Atire-lhes a primeira pedra quem ainda não fez outro tanto.

Vão lá dizer-lhe, a ella, que é perigoso e arriscado subir tão alto, a deshoras, para ir beijar um homem. Vão lá convencel-o, a elle, de que é feio escalar os muros d'um jardim, como qualquer bandido, para se entregar a formosos idyllios com a loira Ophelia dos seus sonhos!

Aos vinte annos só se pensa no amor, e o amor é cego e doido.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Dois cartuxos.—Como não é possivel introduzir o Rocio na Bitesga, irá quando poder ser. E' enorme!

Mascarado.—Quer saber porque? Porque estava incorrecta.

Carlos A. de Lima.—Porto.—Publicou effectivamente um volume de versos, intitulado *Poemetos*, (o mesmo a que allude) mas fez uma edição muito resumida. Em todo o caso parece-nos que ainda restam alguns exemplares na livraria Férin.

N. da G.—Bensafrim.—Enganou-se pelo que respeita ás charadas, mas acertou no tocante ao logogripho. Marque lá uma á preta, absolva-nos, e saboreie as suas *ricas filhoses.*

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este instrumento no caminho é prisão—2—2.

Porto. J. C. Pereira de Carvalho.

(Á ex.ma sr.a D. Maria dos Prazeres Pereira Reis.—Tavira)

Esta narração incommoda este homem—4—1.

Lisboa. Collegial n.º 9.

O numero um, em Nice ou em qualquer cidade, com este artigo, está na situação em que se começa—1—1—1—1—1.

Mascarado.

E' instrumento na musica e no bonnet—1—1.

Este verbo tem dedos por ser meu mano—1—1.

Não é boa esta bebida na musica, porque corta —1—1—1.

Dias Velloso.

ELECTREAS

A's direitas ou as avêssas no ar—4.

A's direitas ou as avêssas *anda a roda*—3.

A's direitas ou as avêssas nos campos—2.

Porto. J. C. Pereira de Carvalho.

A's direitas e ás avêssas queima—2.

Penafiel. Phébo.

EM VERSO

Eu não valho uma de X,—2
Mais ou menos apertado.—1
Adjectivo numeral
Na linguagem pouco usado.

Reguengos. J. A. Marques.

E' planta muito vulgar
Cá no nosso Portugal—2
Se a esta juntar um—*na*
Não dou por ella um real—1.

Oh! que grande barafunda!
Oh! que tremenda embrulhada!
Cruzes! Se eu d'ella me livro,
Dou ao demo esta charada.

J. A. D.

No prado, na flor, no monte,
No ceu, na serra, no val.. —1
E tambem nas patrias plagas
Em terras de Portugal—1

De mim se adorna a donzella
Para tornar-se mais bella.

Mascarado.

EM TRIANGULO

. . . . Arvore
. . . . Appellido.
. . . . Nos olhos.
. . . . Estado.
. . . . . . Substantivo.
. . . . . Peccado.
. . . . Animal.
. . . Vogal.

Queluz. Christina M. d'A Brenne Adrião.

QUEBRA-CABEÇAS

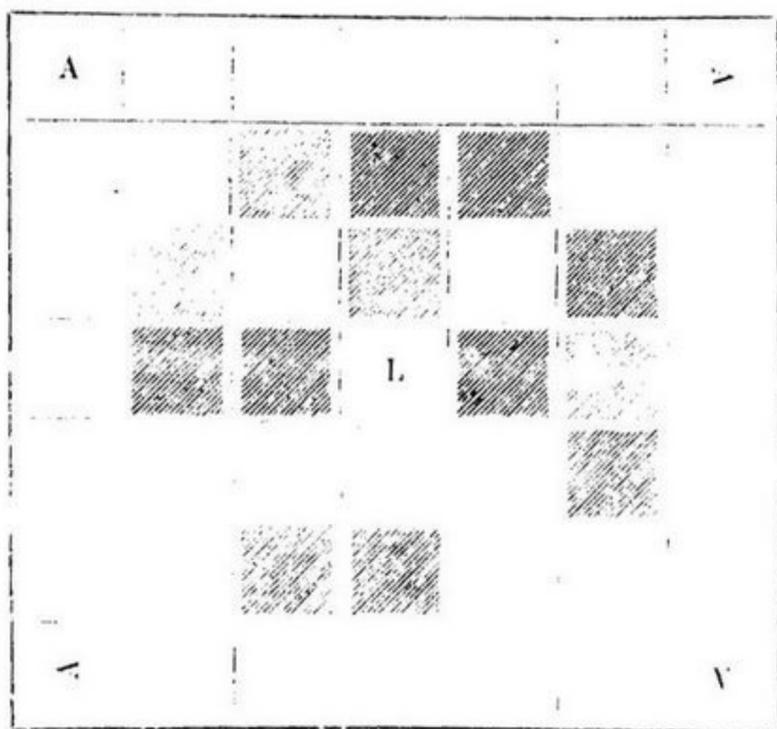
Arranjar seis palavras cujas iniciaes e finaes formem duas plantas.

LOGOGRIPHO

(Por lettras)

No moinho pode ver-se
O que aqui deixo indicado.—3—6—10—11—8—4
Depois vê-se certa cousa
Em que o pão é fabricado.—5—9—2—9—7
Por ultimo indico arma
De que eu teria temor.—5—1—7—11
.. ..
No conceito só desejo
Que assim não sejas, leitor.

D. Bazilio.

ENIGMA

Formar seis nomes de mulher, preenchendo os brancos com as lettras u u n n n n n t t t e e e e l b s s o i i i r r d d g v.

Chamado.

PROBLEMA

Euphrasia e Belarmino vão jantar, a casa de D. Segismunda, e teem o maximo empenho em ficar juntos á meza, em consequencia de dedicarem um ao outro uma extrema affeição. São dez os convivas, nem a meza admitte mais. Pergunta-se qual é o grau de probabilidade que elles teem de ver satisfeitos os seus ardentes desejos?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Salsa—Bolacha—Enfermaria—Pea—Polvora—Saboaria - Entremez—Archeiro—Arara—Avaria — *Gato, agil, tio, olor.*

Do quebra-cabeças:—B olo r
e ban o
g elo s
o est e
n ebl i
i mpo r
a deg a

A RIR

O ciume!

Entre mulheres casadas:

—Eu bem sei que é tolice; mas que queres? Imagino sempre que meu marido me engana. Quando vou com elle ao theatro, a primeira cousa que faço é olhar para todos os camarotes, a ver se o encontro com alguma outra mulher!...

*

No gremio:

—Parece que o X... vae casar com a amante. Já não se tira de casa d'ella.

—Não creio, meu caro! A que horas vae elle para lá?

—Todos os dias, desde as seis da tarde até ás duas da madrugada.

—Mas se elle casa, onde demonio ha de ir depois passar as noites?

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA PREPARAR AGUA DE COLONIA EM CASA

Essencia de lima..................	10 grammas
» de herva cidreira..	10 »
» de bergamota	10 »
» d'alfazema..............	10 »
» de cravo da India.........	10 »
» de rosmaninho	4 »
» de tomilho	2 »
Alcohol rectificado a 90°..........	2 litros

Misturem-se estas essencias com o alcohol e filtre-se tudo por um filtro de papel.

ESPHINGE

Tens a desenvoltura, a graça, o coquetismo
Das filhas d'Aragão, d'essas gentis creanças,
E o teu perfil hebraico, as negras finas tranças
Dão-me idéa fiel d'um tenebroso abysmo!

Se te escuto fallar, nos vôos do lyrismo,
No venturoso amor das avezinhas mansas...
Eu bebo em teu olhar o philtro que me lanças
E me produz, mulher, cruel somnambulismo!

E' então que eu te vejo, envolta em fino manto,
Teu rosto esmaecido, e em languido quebranto
O corpo esculptural que me fascina a vista!

Cuido que tens da Esphinge aquelle olhar profundo
Que nos arrasta e leva em sonhos pelo mundo...
—Tu és a concepção do mysterioso artista!

Francisco de Menezes.

CHERCHEZ LA FEMME...

Eram quasi quatro horas da tarde. Saiam das repartições. Uma linha de trens de praça estacionava no lado occidental do Terreiro do Paço, e debaixo da arcada havia ainda alguns grupos parados, conversando.

O doutor, á esquina da rua do Ouro, fallava com dois sujeitos vestidos de preto, sobrecasacas compridas, abotoadas, cara rapada e muito trigueiros. Eram padres canarins: iam saber o resultado d'uma pretensão para o ultramar.

—Fallei com o ministro. Descancem. Estas coisas não se fazem assim, de repente. E' preciso tempo. Mas elle prometteu e não falta.

—Muito obrigado a v. ex.ª Voltaremos então amanhã?

—Amanhã? não... diabo! amanhã é dia d'Anno Bom: estão as repartições fechadas. Na sexta feira... Minha senhora... Como passa v. ex.ª?

E descobriu-se muito respeitoso, todo risonho. Passava uma mulher elegante, que atravessou o passeio e seguiu rua acima.

—E' a viscondessa de Santo Amaro, uma esplendida mulher, como vêem...

Os dois padres tinham um ar acanhado e um sorriso serviçal, quasi humilde. Sentiam-se pequenos, insignificantes ao lado do doutor, que tinha tanta influencia, que fallava com os ministros a toda a hora e que conhecia o alto mundo.

Seguiram com o olhar a fidalga, que parára a poucos passos, para conversar com um rapaz alto, de bigode em arco, luva cinzenta e monoculo.

Devia ser um nobre, com aquelle ar desembaraçado e porte distincto.

Comparavam-se com elle e acharam-se mesquinhos, inuteis, burguezes, timidos.

O doutor parecia tel-os esquecido e fixava de longe a viscondessa.

—Na sexta feira então...?

—Sim, sim; quando quizerem... Já sabem...

Os dois despediram-se timidamente, tirando o chapeu, e estendendo a mão, muito acanhados.

—Senhor doutor...

—Então adeus! já sabem...

E enfiou pela rua do Ouro, atraz da mulher, que já ia ao principio do segundo quarteirão. Apressou o passo.

Mais adiante a viscondessa parou em frente d'uma montra de ourives. Na porta seguinte era a entrada para um *restaurant*. O doutor deteve-se ao pé da vidraça, mas deu logo um passo atraz, sacudindo o sobretudo, com um gesto de repugnancia.

Com a cara encostada ao vidro, um rapazinho descalço olhava para dentro, enlevado nas carnes frias, nas perdizes côradas, nos pratos de camarões amontoados, que o tentavam. Uma camisola rôta nos cotovellos punha-lhe a descoberto os braços magros, roxos de frio. D'entre as abas caidas d'um chapeu velho saiam-lhe farripas espessas de cabello castanho, emaranhado.

O doutor sentiu tentações de lhe bater, de enxotar d'ali aquelle vagabundo, que lhe sujára o casaco, que impedia o transito, aquelle vadio immundo que produzia nauseas. Odiava todos os pobres que pedem pelas ruas, fazendo exposição de miserias, miserias em que não acreditava.

—São uns intrujões!—dizia.—Pedem por calculo! Vão trabalhar! Ninguem morre de fome...

E quando algum lhe estendia a mão, de noite, nos recantos mais escuros das travessas, elle voltava a cara, não respondia, não olhava. Odiava-os.

O pequeno continuava immovel ao pé do vidro.

O doutor ia tocar-lhe com a ponteira da bengala, mas n'este momento viu que a viscondessa, de longe, examinava o rapazito.

No olhar da fidalga havia uma expressão de dó que o fez córar. Sentiu logo um grande desejo de fazer bem, de exercer a caridade, de se mostrar grande, philantropico, de evidenciar o seu bom coração: e, fingindo não saber que o observavam, aproximou-se da criança.

—Como te chamas tu, ó rapaz?

O pequeno voltou-se. Era pallido, franzino, olhos grandes, tristes, beiços delgados, chloroticos. Poz o olhar vago no doutor e respondeu timidamente:

—Eu sou João...

—Tens fome?

A criança tornou a fixar a vidraça, n'uma attracção irresistivel. Quando voltou a cabeça, corriam-lhe duas lagrimas pelas faces.

O doutor sentiu-se commovido. Era a primeira vez que isto lhe acontecia. Devia ser verdadeira aquella miseria silenciosa. Não se é actor e hypocrita aos sete annos. Esqueceu quasi a viscondessa e metteu a mão no bolso.

N'este momento ouviu uma voz ao lado:

—Não, doutor: leve-o lá dentro e dê lhe de comer.

—Tem razão, minha senhora: tem razão...

—Vá, vá. Quem dá aos pobres, empresta a Deus...

E a fidalga, chamando um trem que passava, mandou seguir para o Salitre.

O doutor ficou um instante parado, absorto, meio envergonhado, pensando, zangado comsigo proprio, repugnando-lhe o primeiro impulso de se fazer valer aos olhos d'uma mulher, exercendo a caridade que se mostra para ser adulada e conhecida.

—Miseravel! E somos todos assim!

Mas sentia já a consciencia tranquilla. A commoção que experimentara era sincera: absolvia-o.

Chamou o rapazito e entrou no *restaurant*.

—Que queres tu, dize lá?!

—Eu... eu tenho fome...

—Oh! rapaz! traze carne assada, pão e vinho...

—Mas é que eu... não quero comer...

—Então tu tens fome e não queres comer?!

O pequeno baixou a cabeça, e apontando para o pão que o creado trazia, disse, entre dentes, n'um soluço:

—Deixe-me levar só aquillo...

O doutor começava a arrepender-se da sua generosidade.

—Queres levar o pão?

—Sim, senhor...

—Para que? Não disseste que tens fome?

—Sim, senhor...

—Então porque não comes?

O pequenito calava-se.

—Vamos, responde!...

E o doutor tinha o olhar quasi irado e a voz rude.

—E' porque a minha mãe tambem tem fome...

. . . .

Meia hora depois havia um jantar de festa n'um miseravel rez-do-chão, á Graça. Uma mulher e uma criança festejavam o dia de Anno Bom.

*

Um olhar de mulher convertera um descrente. A duvida cedera o logar á caridade, e mais uma vez se confirmava a phrase:—*cherchez la femme*.

LOBJÓ TAVARES.

DOIS POMBINHOS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA